

A MEMÓRIA SELETIVA DO SECRETÁRIO DE ESTADO

Por Marco Carnelos*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Diante do Partenon, Marco Rubio celebrou um Ocidente mítico, feito de glória e excepcionalismo; mas a história revela outra herança: conhecimento compartilhado, impérios, escravidão, colonialismo, violência, e a hybris de transformar privilégios em virtude.

No dia 7 de outubro, o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, proferiu um discurso em Atenas que, para muitos, soou mais como um sermão sobre o passado glorioso e o destino da civilização ocidental do que como um pronunciamento político.

Suas observações não atraíram muita atenção, mas deveriam ter atraído; Rubio é um dos principais pré-candidatos à nomeação do Partido Republicano para a eleição presidencial de 2028.

Tendo como pano de fundo a majestosa silhueta do Partenon, ele argumentou, em essência, que o Ocidente deve à Grécia sua curiosidade, sua ambição e sua recusa em aceitar qualquer objetivo como “impossível”. O discurso transbordava um grau de confiança e arrogância tal que merece ser examinado à luz da história, uma luz que, infelizmente, revela uma memória seletiva impressionante, totalmente alinhada à vaidade civilizacional que ele demonstrou ao longo de sua fala.

MONOPÓLIO DA GRANDEZA?

Segundo Rubio, os gregos deram origem aos traços que definem o Ocidente, distinguindo-o de outras culturas nas quais a “estabilidade e a subsistência” eram os objetivos supremos. Só isso já é o bastante para deixar qualquer um perplexo. O secretário de Estado dos EUA ousa caracterizar os construtores dos templos de Angkor, no Camboja, os astrônomos de Samarcanda e os engenheiros responsáveis pela rede viária inca como povos preocupados apenas com a subsistência. Ele ignora as frotas do almirante chinês Zheng He, que cruzaram o Oceano Índico décadas antes de Cristóvão Colombo atravessar o Atlântico. Ele esquece Ibn Batuta, que explorou um território muito mais vasto do que Marco Polo, bem como os matemáticos indianos da escola de Kerala, que nos deram o conceito de zero. Não é, portanto, coincidência que alguns historiadores argumentem que o “Ocidente”, enquanto linhagem autônoma, seja uma construção relativamente moderna, um ponto recentemente reiterado por Kwame Anthony Appiah no jornal *The Guardian*.

A interpretação de Rubio sobre os gregos é, também, no mínimo, peculiar. Grande parte da filosofia e da ciência gregas chegou à Europa medieval porque foi traduzida, preservada e desenvolvida em Bagdá, sob o Califado Abássida, uma tradição que teve continuidade na Espanha islâmica. Embora Bizâncio também tenha desempenhado um papel significativo, o ponto central permanece: o empréstimo e a adaptação são a norma na história da humanidade, e não a exceção de uma linhagem isolada, como esta figura política americana gostaria que acreditássemos.

DESASTRES IGNORADOS

Rubio cita Alexandre, o Grande, Júlio César, Carlos Magno e Hernán Cortés como portadores de uma única e nobre chama. Contudo, Cortés destruiu a capital asteca, resultando em milhares de mortes; e Cristóvão Colombo, a quem Rubio atribui a “descoberta”, estabeleceu um sistema de trabalho forçado na ilha de Hispaniola que dizimou a população indígena no espaço de uma única geração.

Essa mesma sede de conhecimento alimentou o tráfico transatlântico de escravizados, que aprisionou cerca de 12 milhões de africanos, dos quais mais de um milhão pereceram durante a travessia. Ela também impulsionou a partilha colonial da África na Conferência de Berlim (1884–1885), as Guerras do Ópio, por meio das quais o Reino Unido impôs coercitivamente o comércio da droga à China, e o Congo Belga sob o reinado de Leopoldo II, onde milhões sofreram e morreram em agonia. A ciência e a cartografia ocidentais, a despeito de todos os elogios que lhes foram tecidos pelo secretário de Estado, serviram também como instrumentos de conquista, utilizados para mapear litorais e

categorizar povos. Para aqueles que vivenciaram esse processo, portanto, a exploração, ou “descoberta”, ocidental foi, muitas vezes, o primeiro ato de uma invasão subsequente. Celebrar a ambição sem considerar os seus custos, como Rubio fez na Acrópole, não é história; é propaganda, e da pior espécie.

A ATENAS QUE NUNCA EXISTIU

O próprio cenário de seu discurso refuta os seus argumentos. A Atenas de Péricles foi construída sobre a escravidão; pessoas escravizadas compunham uma parcela significativa da população ática. Mulheres e estrangeiros eram excluídos da cidadania; a democracia que Rubio admira em seu discurso era, na verdade, o domínio de uma minoria de homens adultos.

O Partenon foi financiado, em grande parte, por meio de tributos exigidos da Liga de Delos, que Atenas transformou em um império. Em uma de suas passagens mais célebres, Tucídides relata que os atenienses declararam que os fortes fazem o que podem, enquanto os fracos sofrem o que devem. Além disso, o próprio Partenon não conta mais com seus célebres mármore, que foram levados para Londres por Lord Elgin.

THUMOS, FRONTEIRA, IMPÉRIO

Segundo Rubio, o Ocidente perdeu seu *thumos*, isto é, sua paixão e seu impulso interior, pois passou a se envergonhar daquilo que, outrora, o tornou (e continuaria a torná-lo!) excepcional. Contudo, o revisionismo histórico e o estudo aprofundado da escravidão e da violência colonial não são, necessariamente, sintomas de declínio; apresentar um relato honesto do próprio passado não equivale, automaticamente, a uma falta de patriotismo. Pelo contrário, um exame crítico do passado é um sinal de maturidade: a Alemanha, por exemplo, certamente não foi enfraquecida pelo caminho que trilhou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Quanto ao mito da fronteira americana, descrita pelo secretário de Estado como uma terra “aberta e selvagem”, ela não estava, de fato, vazia; era habitada por centenas de povos nativos que foram despojados de suas terras, mortos e confinados em reservas. A linguagem de Rubio é a retórica desgastada do “Destino Manifesto” e do “Excepcionalismo Americano”. Ao descrever seu próprio país, ele celebra sua evolução para um império, e utiliza o termo sem o menor constrangimento. De fato, alguns historiadores argumentam que a expansão americana foi imperial desde o início. Nesse sentido, pouca coisa mudou até hoje.

O confronto dos EUA com o Irã, cujos líderes, segundo Rubio, “adoram a morte”, é revelador. No entanto, ele talvez se esqueça de que o culto à morte heroica não é estranho

ao Ocidente: em 1914, a guerra foi apresentada à juventude europeia por meio de palavras como dever, honra e glória.

Os gregos tinham um termo para tudo isso: *hybris*, uma forma de arrogância, especificamente aquela de quem confunde boa sorte com virtude. Em sua célebre tragédia *Os Persas*, escrita oito anos após a famosa Batalha de Salamina, Ésquilo retrata a queda do imperador persa Xerxes como uma lição para os vencedores, e não para os vencidos. Na Acrópole, Rubio poderia ter reconhecido que o legado ocidental é uma mistura de esplendor e brutalidade; em vez disso, optou por apresentar apenas uma imagem lisonjeira. Em suma, a civilização que o secretário de Estado dos Estados Unidos, e, que Deus nos livre, um possível futuro presidente dos Estados Unidos, buscou retratar diante do Partenon jamais existiu da maneira como ele a descreveu.

Publicado no [InsideOver](#).

***Marco Carnelos** passou 25 anos no serviço diplomático, tendo atuado na Somália, nas Nações Unidas e no Iraque. Serviu como assessor de três primeiros-ministros italianos, tratando de temas como Oriente Médio, contraterrorismo, Rússia, promoção de interesses econômicos e comerciais, e atração de investimentos estrangeiros. Desde 2018, atua como consultor especializado em geopolítica, geoeconomia, análise de risco e inteligência de negócios. Em 2018, fundou a MC Geopolicy Srl, empresa de consultoria que opera nessas áreas. É, ainda, membro do Conselho do ISPI (Istituto Italiano para Estudos de Política Internacional) e integra o Conselho Consultivo da Tanto Capital Partners, empresa sediada em Londres.
